

## **5º VCIT – RESUMO DOS TRABALHOS**

Neste segundo dia de trabalhos, gostaria de começar por salientar o assinalável contributo dos especialistas que ao longo destes dois dias por aqui desfilaram, desempenhando um papel determinante para o êxito deste debate de ideias, activo e exemplar, em que se traduziu esta 5ª edição do Congresso Internacional de Capital de Risco organizado pela GESVENTURE.

Considero, por isso, que este Congresso significou um impulso dinâmico na geração sustentável de novas ideias: **Afinal é esta a missão que a GESVENTURE tem vindo a prosseguir sem desalento: Congregar esforços e meios em prol do Empreendedorismo português!**

Assim, e não querendo alongar-me demasiado, resumiria as intervenções de hoje da seguinte forma:

### **1º PAINEL – TURNAROUND MANAGEMENT: CORPORATE VENTURES, MBO E MBI**

#### **1ª Intervenção – Dr. António Gaspar - IAPMEI**

Fez-nos uma alocução subordinada ao tema **“O Papel dos Organismos do Estado na Dinamização das Operações de Turnaround Management”**.

Começou por referir-se à missão, visão e vectores estratégicos do IAPMEI.

Falou-nos sobre o conteúdo da Agenda IVE 2004-2006.

Referiu-nos os principais aspectos sobre o primeiro Fundo de titularização de PME's lançado recentemente.

Concluiu, fazendo uma abordagem sobre as principais iniciativas lançadas pelo IAPMEI, com particular destaque para o PEC – Procedimento Extra-Judicial de Conciliação, com vista à realização de acordos com credores, bem como para o SIRME – Sistema de Incentivos à Revitalização e Modernização Empresarial.

## **2ª Intervenção – Dr. Rui Ferreira – INTER RISCO PORTUGAL**

Fez-nos uma alocução subordinada ao tema “**A Experiência do BPI Capital no Mercado Português de Turnaround Management**”.

Efectuou uma estimulante comunicação sobre o que se tem feito em Portugal nesta matéria, referindo a este propósito que os Buy Outs e o Replacement Capital têm tido uma expressão muito reduzida em Portugal.

Seguidamente, efectuou uma breve explicação sobre as principais causas que levam à realização de Buy Outs, e, em seguida, uma explicação sobre os objectivos do MBO / MBI.

Referiu-se, igualmente, à “função social” do Buy Out, na perspectiva da revitalização que promove ao nível do tecido empresarial.

Falou-nos sobre estratégias de criação de valor em termos financeiros, operacionais e estratégicos.

Referiu qual o papel que o Investidor desempenha ao nível do Private Equity, sendo este, além de um fornecedor, aquele que presta uma preciosa ajuda na montagem da estratégia, ou seja, aquele que desempenha um papel de criação de valor.

Terminou, referindo-se à experiência adquirida pelo BPI CAPITAL ao nível dos 8 Buy Outs já realizados.

## **3ª Intervenção – Dra. Alexandra Courela e Dra. Ana Sofia Baptista – Abreu Cardigo e Associados**

Fizeram-nos uma alocução subordinada ao tema “**O Enquadramento Jurídico e Fiscal das Operações de Turnaround Management**”

Começaram por efectuar uma breve resenha sobre o regime jurídico do capital de risco em Portugal, quer ao nível das Sociedades de Capital de Risco, quer no que se refere aos Fundos de Capital de Risco.

Seguidamente, foi-nos transmitida qual a perspectiva dos advogados e quais os principais problemas que sentem em operações de turnaround management, designadamente MBO's.

Foi, igualmente feita referência à forma como devem ser redigidas as cláusulas contratuais do Acordo Parassocial, considerando que um Acordo Parassocial

devidamente acautelado permite convencer financiadores (bancos) e terceiros (investidores capital de risco) a aderir ao projecto e ao seu financiamento.

Terminaram a apresentação, fazendo referência às questões mais relevantes sobre o Planeamento fiscal dos MBO's, com particular destaque para a dedutibilidade de juros de financiamento em caso de fusão; as mais valias obtidas em caso de venda, o Imposto de Selo aplicável ao capital social da sociedade veículo de aquisição e a maximização fiscal do serviço da dívida.

#### **4ª Intervenção – Alex Pegley – DSG VENTURE CAPITAL**

Fez-nos uma alocução subordinada ao tema **“A Importância das Corporate Ventures nas Operações de Turnaround Management”**.

Começou por efectuar-nos uma apresentação sobre o Grupo.

Em seguida, efectuou uma interessante explicação sobre Corporate Venturing.

Referiu que os falhanços não são causados pelo factor tecnológico, mas por factores de mercado.

Transmitiu-nos a experiência de um exemplo que correu bastante mal, em que o capitalista de risco atribuiu o dinheiro mas não fez mais nada, deixando os empresários trabalharem sozinhos.

Terminou, efectuando as seguintes três importantes conclusões:

A abordagem deve ser sempre ditada pela estratégia; temos que saber estabelecer as parcerias certas; e acima de tudo, ter paciência e não querer dar saltos enormes para ganhar dinheiro à pressa.

#### **5ª Intervenção – Antoine Garrigues – IRIS CAPITAL MANAGEMENT**

Fez-nos uma interessante intervenção subordinada ao tema **“O Investimento das Corporate Ventures Via Fundos em Outsourcing”**.

Começou, primeiramente, por referir-se à parceria estabelecida com a PT no âmbito do desenvolvimento de um novo Fundo, sendo a PT um parceiro corporativo, e com o qual, segundo as suas palavras, formam o “par perfeito”.

Efectuou, igualmente, uma abordagem sobre as diferenças entre a Indústria de Capital de Risco Europeia e a vigente nos EUA, sublinhando em relação à primeira o facto de os mercados serem muito mais fragmentados e a existência de muito menos espírito empreendedor do que na Indústria d Capital de Risco americana.

Referiu que aquilo que o mercado está a exigir passa necessariamente pela necessidade de se investir, de forma mais eficiente, nas empresas europeias e ter equipas com maior actuação internacional.

Concluiu a sua apresentação, referindo-se à experiência da IRIS, falando dos investimentos realizados e da elevada taxa de sucesso obtida.

### **6ª Intervenção – François Bernardeau – NATEXIS**

Fez-nos uma abordagem sobre **“O Papel Emergente dos Mercados Secundários”**.

Iniciou a sua apresentação referindo-se à paixão que deposita nos negócios que desenvolve.

Referiu-se, seguidamente, ao Private Equity como “um caminho para a liquidez”, referindo também que neste tipo de investimento sabe-se quando se entra, mas nunca se sabe quando se sai, e para o qual é indispensável o estabelecimento de parcerias sólidas. Explicou o que são transacções secundárias e como estas se poderão revelar uma oportunidade para quem vende. Referiu-se ao tamanho do mercado secundário, o qual é sempre difícil definir. Explicou quem são os players do mercado secundário e porque é que estes mercados são uma oportunidade para o comprador.

Terminou, referindo-se à forma como a NATEXIS encara as oportunidades de Private Equity.

## **2º PAINEL: PERSPECTIVAS PARA O CAPITAL DE RISCO EM 2005**

### **1ª Intervenção – Dr. João Arantes de Oliveira - APCRI**

Efectuou uma alocução subordinada ao tema **“O Mercado Português de Capital de Risco”**.

Começou a sua apresentação referindo-se à evolução da actividade da APCRI desde 2000 até ao momento.

Sublinhou que a questão central é saber se estamos, ou não, num ciclo virtuoso.

Efectuou uma análise sobre os fundos levantados pelos Operadores, entre 2001 e 2003, evidenciando as diferenças verificadas entre Portugal e a Europa.

Em seguida, referiu-se aos investimentos realizados entre 2001 e 2003, por tipos de operações e montantes.

Falou-nos, igualmente, sobre os desinvestimentos realizados entre 2001 e 2003, evidenciando, mais uma vez, a diferença entre Portugal e a Europa.

Concluiu, referindo-se ao modelo actualmente existente em Portugal, evidenciando que o mesmo ainda se apresenta significativamente diferente da realidade europeia.

### **2ª Intervenção – Dr. Jorge Bártolo – API CAPITAL**

Fez-nos uma alocução subordinada ao tema: **“O Capital de Risco como Alavanca da Economia Nacional”**.

Começou por referir-se a algumas alavancas da Economia Nacional, a qual, segundo referiu, actualmente ainda está longe de ser uma “economia de empresários”.

Falou-nos, igualmente, da Agência Portuguesa para o Investimento, a qual foi criada em 2002 para promover o investimento de “grandes” dimensões.

Entrando na abordagem sobre o âmbito de intervenção da API CAPITAL, referiu que esta SCR gere 5 Fundos de investimentos, num total de 127,6 milhões de euros.

Quanto às linhas de actuação estratégica, referiu a sua orientação para gerir a oferta de capital de risco para “grandes projectos” de investimento, podendo no entanto a oferta estender-se a projectos de menor dimensão e/ou promovidos por PME, desde que cumpram determinados requisitos específicos.

Terminou, fazendo referência a alguns indicadores relativos à actividade realizada pela API ao nível do capital realizado e dos investimentos concretizados.

### **3ª Intervenção – Gary Cater – Wilmer Cutler Pickering Hale and Don**

Efectuou uma apresentação subordinada ao tema “**Últimas Tendências do Capital de Risco nos EUA**”.

Começou por efectuar uma abordagem sobre a evolução do Capital de Risco ao longo dos últimos anos.

Fez referência às actividades para onde foram canalizados os investimentos, com predominância para as ciências da vida em detrimento das tecnologias de informação.

Em relação às regiões geográficas que registaram maior investimento, apontou a Califórnia que canalizou 42% do investimento total.

Seguidamente, referiu-se ao significativo aumento registado de IPO's em companhias mais pequenas.

Falou-nos igualmente da actividade de Fusões e Aquisições, a qual registou um grande aumento durante o ano de 2004.

Terminou, referindo aquilo que se poderá prever em 2005, assegurando que poderemos contar com uma curva ascendente de investimento em Capital de Risco.

#### **4ª Intervenção – Don Abelardo Lopez – 3i Private Equity**

Fez-nos uma interessante alocução subordinada ao tema “**Estado de Arte: Do Early Stage ao Private Equity**”

Começou por referir-se às tendências do mercado, onde existe uma forte propensão para se apostar nos investimentos maiores e com maior maturidade.

Demonstrou-nos como somente os investidores muito especializados e com capacidade de gestão activa deverão actuar no campo das start-ups.

Fez, igualmente, uma breve apresentação sobre o crescimento das empresas e como esse crescimento as torna atractivas para o mercado de compradores.

Terminou, referindo-se ao grande apetite que existe pelos Buy Outs, na medida em existem no mercado muitos fundos disponíveis e a forte liquidez existente torna os Buy Outs bastante atractivos.

#### **5ª Intervenção – Dr. Luiz Figueiredo – Associação Brasileira de Private Equity & Venture Capital**

Efectuou uma interessante apresentação sobre **“Últimas Tendências do Mercado de Capital de Risco no Brasil”**.

Começou por referir-se ao âmbito de actuação desta Associação de Capital de Risco.

Falou-nos dos tipos de membros existentes nesta Associação e do seu histórico desde 1994.

Efectuou uma breve abordagem sobre os volumes de investimento efectuados desde 1998 a 2004, passando, seguidamente, a uma abordagem sobre o passado recente, em que se registou, entre outros aspectos importantes, uma especialização crescente dos Fundos, um aumento de parcerias e uma maior transparência com os investidores. Efectivamente, a ocorrência destes factores veio contribuir para a verificação de uma ruptura com alguns paradigmas do passado.

Seguidamente, falou-nos sobre as tendências e desafios para o futuro do sector de capital de risco brasileiro, atribuindo especial destaque à necessidade da alteração da legislação fiscal, à diminuição das taxas de juro, à eliminação das restrições para saídas via mercado de capitais e à necessidade de passar a existir maior disponibilidade de capital semente.

Concluiu a sua apresentação, referindo-se às boas perspectivas lançadas para 2005 / 2006.

#### **6ª Intervenção – Dom Fernando Valbuena – Associação de Jovens Empreendedores da Estremadura**

Efectuou uma entusiástica apresentação sobre **“O Capital de Risco Transfronteiriço”**.

Começou a sua apresentação lançando aos presentes a seguinte reflexão: **“Para onde vamos?” “...E vamos juntos?”**

Referiu-se, em seguida, às enormes vantagens que Espanha poderá oferecer, apresentando os motivos pelos quais considera que vale a pena investir neste país.

No entanto, fez questão em revelar o seu pessimismo relativamente ao desenvolvimento económico espanhol, tendo em consideração a existência de factores altamente desfavoráveis a marcar a Economia de Espanha, tais como os baixos custos com a mão-de-obra, a escassa produtividade, a crise constitucional, a falta de medidas dinamizadoras para a Economia, o endividamento familiar, o problema do deficit e do endividamento externo e, sobretudo, a falta de Espírito Empreendedor.

Em seguida, fez também questão em referir-se àquela que designou como “a parte boa”. Assim, retratou a Estremadura, como a região onde todos estes problemas podem ser diluídos em face do forte espírito empreendedor aqui existente.

Finalmente, referiu-se à actividade que tem desenvolvido como membro da Associação de Jovens Empreendedores da Estremadura, deixando a mensagem de que existe uma enorme necessidade de se passar a apostar mais no reforço da ética e na confiança como pressuposto fundamental do relacionamento entre as pessoas.

É tempo de concluir.

E faço-o, afirmando que as enormes expectativas que tínhamos no início dos trabalhos e que eram, estou certa, partilhadas por todos, foram em minha opinião claramente ultrapassadas pela riqueza da discussão hoje aqui trazida.

Para o ano cá estaremos, para reafirmar e dar continuidade a esta iniciativa mobilizadora que há cinco anos atrás foi lançada pela GESVENTURE como um desafio ao debate entre a comunidade empresarial, sobre as vantagens da dinamização do capital de risco em Portugal, e que actualmente já é considerada como um verdadeiro espaço potenciador do financiamento das empresas inovadoras e com elevado potencial de crescimento.

A todos o meu muito obrigado.

Lisboa, 04 de Maio de 2005

Carla Dias Coelho – Advogada

GESVENTURE, LDA

[www.gesventure.pt](http://www.gesventure.pt)

[ccoelho@gesbanha.pt](mailto:ccoelho@gesbanha.pt)